Bancos recebem com reserva o Plano Baker de ajuda

REGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

WASHINGTON — Os grandes bancos receberam com reserva e os pequenos se opuseram ao pedido do Presidente da Reserva Federal (Banco Central dos Estados Unidos), Paul Volcker, de que participem do plano do Secretário do Tesouro, James Baker, para a concessão de US\$ 20 bilhões em novos créditos aos países endividados, nos próximos três anos.

— Se apenas alguns pequenos bancos não participarem, o Plano Baker será bem sucedido. Mas se grande número deles ficar de fora, não haverá qualquer possibilidade de êxito — comentou o Presidente do Chase Manhattan Bank, Thomas G. Labrecque.

Entre as pequenas instituições financeiras, as respostas foram mais diretas:

— Não participarei, de maneira nenhuma, deste plano. O que se deve dizer aos devedores é que se arranjem como puderem — afirmou o Presidente do Texas First National Bank, Orville W. Crowler.

Opinião semelhante foi manifestada pelo representante do First National Bank of Allen, William Nethery, na reunião anual da Associação Bancária Americana, em Nova Orleans:

— Temos dificuldades em controlar os problemas já existentes. Sair ao exterior e buscar mais dinheiro só complicaria a situação dos endividados.

Mesmo alguns grandes bancos estão preocupados com a reação de

seus acionistas aos novos créditos, explicou o Vice-Presidente do Mellon Bank, Gerardo Van Tienhover:

— Muitos acionistas se perguntarão por que dar mais dinheiro a países que não estão pagando sequer os juros dos empréstimos anteriores.

Em entrevista ao GLOBO, um banqueiro credor do Brasil comentou as dificuldades que terão que ser resolvidas para a execução do plano Baker:

— Há duas coisas importantes. Leva um pouco de tempo até os banqueiros se adaptarem a uma nova idéia. O segundo aspecto é que o Banco Central Americano tem que mudar certos regulamentos para que os grandes bancos que têm muitos empréstimos possam chegar a um risco comoatível com suas reservas e capital. Não é possível manter uma lei para todos sem diferenciações segundo o tamanho do banco. É importante uma lei bancária flexível para que, no caso do Brasil, o plano do Presidente José Sarney possa funcionar e ter o respaldo financeiro da comunidade bancária mundial e americana.

O banqueiro nota que há uma nova forma de diálogo entre os países com relação à dívida.

— Veja bem. O plano Baker começou a ter forma durante a visita do Secretário do Tesouro ao Peru para a posse do Presidente Alan Garcia. Baker ficou impressionado com o discurso e quis transmitir, não só a Garcia, mas também a Sarney e a Alfonsín, que o Governo americano está ouvindo as propostas e vai fazer alguma coisa.